



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



A CIDADE DO HOMEM NU – SALVADOR: CIDADE-LABORATÓRIO-ANTROPOFÁGICA-ERÓTICA¹

Leonardo Vieira²
Universidade Federal da Bahia

Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

O presente artigo revisita o projeto "A cidade do homem nu" de Flavio de Carvalho para formular uma perspectiva crítica em relação aos cânones do urbanismo moderno. Apresentado como tese no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, sediado no Rio de Janeiro em 1930, "A cidade do homem nu" é um projeto antropofágico para uma cidade-manifesto por uma liberdade urbana incondicional onde a ideia de um traçado projetado seria organizada pelo desejo do homem, pela erótica. São enfatizadas as leituras e referências antropofágicas de Flavio de Carvalho, bem como suas viagens para outros países americanos e europeus durante as décadas de 1920, 1930 e 1940. Retomar as provocações do arquiteto e a recepção do projeto por seus colegas americanos reunidos na cidade do Rio de Janeiro em 1930 é um exercício que possibilita tornar plural a noção de urbanismo e deslocar algumas apreensões desse campo disciplinar sobre as cidades contemporâneas. A passagem de Flavio de Carvalho pela cidade de Salvador, em 1934, torna-se estopim para esse jogo de temporalidades e permite uma nova apreensão sobre o centro dessa cidade, tornada ela mesma uma cidade-laboratório-antropofágica-erótica.

Palavras-chave: Urbanismos; Américas; Congressos; Historiografia; Nebulosas

THE CITY OF THE NAKED MAN – SALVADOR: ANTROPOPHAGIC-EROTIC-LABORATORY-CITY

Abstract. *This article revisits the project "The city of the naked man" by Flavio de Carvalho to formulate a critical perspective to the canons of modern urbanism. Presented as a thesis at the*

¹ Fruto dos últimos anos de pesquisa (Iniciação Científica PIBIC-UFBA/FAPESB 2020-2022), junto à Cronologia do Pensamento Urbanístico (www.cronologiadourbanismo.ufba.br), que conta com apoio do CNPq (Edital Universal); este texto foi apresentado como conclusão do Trabalho Final de Graduação (FAUFBA, 2022) do pesquisador, intitulado ALMANAQUE EXP. 01 ou Notas sobre A cidade do homem nu: viagens, projetos e urbanismos no "Novo Mundo" (www.almanaquealmanaque.com.br), com orientação de Paola Berenstein Jacques (Laboratório Urbano/FAUFBA) e coorientação de Dilton Lopes de Almeida Jr. (Laboratório Urbano/FAUFBA).

² Arquiteto e Urbanista (Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - FAUFBA/UFBA), estudante do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, integrando a área de concentração Urbanismo e a linha de pesquisa Processos Urbanos Contemporâneos. Membro do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG-AU/FAUFBA) e pesquisador da Cronologia do Pensamento Urbanístico (desde 2015), com experiência nos estudos sobre a cidade e o urbanismo e ênfase na história da arquitetura e do urbanismo entre o "velho" e o "novo mundo", atuando principalmente na análise dos debates historiográficos sobre as cidades modernas americanas e as transformações urbanas e geopolíticas das Américas. Desenvolve pesquisas nas área dos estudos culturais que visam a transdisciplinaridade ao ampliar o debate do campo da arquitetura e urbanismo com os campos da história, da antropologia, da psicanálise, da literatura e das artes, tendo como foco, sobretudo, o Brasil e a América Latina.

IV Pan-American Congress of Architects, held in Rio de Janeiro in 1930, "The city of the naked man" is an anthropophagic project for a city-manifest for unconditional urban freedom where the idea of a projected layout would be organized by man's desire, by eroticism. Emphasis is placed on Flavio de Carvalho's anthropophagic readings and references, as well as his travels to other American and European countries during the 1920s, 1930s and 1940s. Retake the architect's provocations and the reception of the project by his American colleagues gathered in the city of Rio de Janeiro in 1930 is an exercise that makes it possible to make the notion of urbanism plural and shift some apprehensions of this disciplinary field onto contemporary cities. Flavio de Carvalho's passage through the city of Salvador, in 1934, becomes a trigger for this game of temporalities and allows a new apprehension about the center of that city, which has itself become an anthropophagic-erotic-laboratory-city.

Keywords: Urbanisms; Americas; Congresses; Historiography; Nebulae

LA CIUDAD DEL HOMBRE DESNUDO - SALVADOR: CIUDAD-LABORATORIO-ERÓTICO-ANTROPÓFAGO

Resumen. *Este artículo revisa el proyecto "La ciudad del hombre desnudo" de Flavio de Carvalho para formular una perspectiva crítica en relación con los cánones del urbanismo moderno. Presentada como tesis en el IV Congreso Panamericano de Arquitectos, realizado en Río de Janeiro en 1930, "La ciudad del hombre desnudo" es un proyecto antropofágico de ciudad-manifiesto por la libertad urbana incondicional donde la idea del trazado proyectado estaría organizada por el deseo del hombre, por el erotismo. Se enfatizan las lecturas y referencias antropofágicas de Flavio de Carvalho, así como sus viajes a otros países de América y Europa durante las décadas de 1920, 1930 y 1940. Retomar las provocaciones del arquitecto y la recepción del proyecto por parte de sus colegas estadounidenses reunidos en la ciudad Río de Janeiro en 1930 es un ejercicio que posibilita tornar la noción de urbanismo plural y trasladar algunas aprehensiones de este campo disciplinario a las ciudades contemporáneas. El pasaje de Flavio de Carvalho por la ciudad de Salvador, en 1934, se convierte en un disparador de este juego de temporalidades y permite una nueva aprehensión sobre el centro de esa ciudad, que se ha convertido ella misma en ciudad-laboratorio-erótico-antropófago.*

Palabras clave: Urbanismos; Américas; Congresos; Historiografía; Nebulosas.

Da vista de S. Salvador que a gente enxerga de bordo tem um pedaço bem no centro em que as casas se amontoam num estardalhaço de janelas, andares, telhados, parece mentira... não é mentira não, é estardalhaço. Gosto de banzar ao atá pelas ruas das cidades ignoradas... aqui a impressão de estardalhaço continua. Parece incrível que se tivesse construído uma cidade assim... Ruas que tombam, que trepam, casas apinhadas e com tanto enfeite que parecem estar cheias de gente nas janelas, o barulho nem é tamanho assim porém dá a impressão de enorme, um enorme grito. A sensação de simultaneidade é feroz, lembra cinema alemão. Os bondes pra desembarcar num plano, tombam de banda e passam por cima da cabeça da gente. Vêm cheios com moços de branco dependurados até nas torres curtas das igrejas. Torcem por cantos inconcebíveis como pontes-dos-suspiros, fachadas paradas na porta da rua, atravancando o trânsito. Um largo e três igrejas de repente. Pra chegar na cidade alta a gente dá de cara com mais outra igreja de teatro, num trânsito vivo de gente irregular, todos os matizes, gentes de enfeite, gente posta ali pra gente ver. S. Salvador me atordoava vivida assim a pé num isolamento de inadaptação que dá vontade de chorar, é uma gostosura. É uma cidade justamente o contrário do Rio de Janeiro que se goza mais de automóvel. S. Salvador não. E nem é tanto questão de apreciar os detalhes churriguenescos dela, é questão mesmo do sabor físico que dá passeada a pé. O automóvel isola o observador do

estardalhaço ambiente. Passear a pé em S. Salvador é fazer parte dum quietude magnificente e ser devorado por um gigantesco deus Ogum, volúpia quase sádica, até. (ANDRADE, 1976, p. 213-214).

É importante destacar as viagens para os campos do urbanismo, da psicanálise e para a antropologia (a partir da etnografia), “que guarda um vínculo umbilical com as viagens, têm, portanto, muito a aprender com elas... desde que renuncie, porém, a instrumentalizá-las [...] e que procure aquelas que, tendo seus objetivos menos nítidos, lhe permitam concentrar-se no sentido do ato mesmo de viajar” (Cardoso in Novaes, 1988, p. 360. apud. JACQUES, 2021, p. 230). Sendo “descobridores” e “descobertos” indissociavelmente vinculados, trata-se da descoberta de que o “Outro” é de fato um outro e uma alteridade radical que se transforma pela própria aproximação e compreensão desses vários outros pelo etnógrafo ou viajante. Essa “alteridade radical” seria impossível de ser acessada em sua suposta “pureza”, uma vez que só restariam os resíduos heterogêneos do estranhamento “original” (JACQUES, 2021, p. 233). A “descoberta” se aproxima, assim, de um descobrir-se, desnudar-se ou despir-se: uma autodescoberta associada a uma ideia de liberdade incondicional, uma liberdade contra as regras autoritárias impostas, colonizadoras, homogeneizantes, como escreveu Oswald de Andrade (1928), “devorar o colonizador, desvestir o homem vestido pelo português”.

Contra a ideia de progresso tecnicista e de história linear e homogênea, Oswald propõe, então, a “Errática” devoradora do “meu selvagem” a partir dos rastros e caminhos da alteridade radical do homem nu, nômade e antropófago. Ele fazia um apelo (em um texto não datado com o título “A reabilitação do primitivo”): “para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito da vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está por ser feita”. [...] Não podemos deixar de associar essa ideia de homem nu, desvestido, des-coberto, à ideia de liberdade incondicional, uma liberdade contra as regras autoritárias impostas, colonizadoras, homogeneizantes. (JACQUES, 2021, p. 414)

Incomodado com a falta de campo e interesse dos europeus, principalmente os franceses, sobre seus trabalhos, o arquiteto franco-suíço Le Corbusier articulou-se, a partir de 1926, através de cartas com intelectuais, artistas e políticos sul-americanos (no Brasil, principalmente com Cendrars e Paulo Prado) para uma viagem em 1929 à América do Sul, com o intuito de levar suas ideias e projetos em uma série de conferências realizadas em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro - “uma missão. [...] viajar para ir questionar “o homem nu”. (CORBUSIER, 2004 (1930), p. 16-23) Em uma entrevista, feita durante a passagem de Le Corbusier por São Paulo, Flávio de Carvalho perguntava a Corbusier, e suas perguntas pareciam já indicar suas próprias respostas, trabalhadas logo em seguida em *A cidade do homem nu*: “Deve o homem submeter-se às forças da natureza ou deve pesquisar novos problemas, criar novos ambientes? Deve a cidade ser uma máquina eficiente de viver ou deve o homem sacrificar a eficiência às vontades caóticas do inconsciente? Deve uma cidade sacrificar tudo à eficiência? Acha que a eficiência é completamente mensurável? Deve a cidade ser dividida em grupos, cada grupo contendo todas as atividades do homem, ou deve a cidade compreender uma só organização de zonas? Deve-se ou não prever um melhor meio de locomoção numa cidade, que os já existentes? Deve uma cidade ser alimentada coletivamente ou não? Deve-se ou não alterar o sistema social de uma nação para melhorar a vida do homem na cidade?” (CARVALHO, Diário da Noite, 24/10/1929).

A cidade do homem nu, apresentada como projeto/tese do tema 1, *regionalismo e internacionalismo na arquitetura contemporânea – a orientação espiritual da arquitetura na América*, do IV Congresso Pan-americano de Arquitetos (Rio de Janeiro, 1930), é um projeto antropofágico para uma cidade-manifesto por uma liberdade urbana incondicional onde a ideia de um traçado projetado será organizado pelo desejo do homem, pela erótica. “Uma verdadeira utopia, no sentido de uma efetiva crítica a seu presente histórico, que propunha o desnudamento do próprio urbanismo como disciplina prática excessivamente funcionalista, repressora ou disciplinadora dos mais variados desejos humanos” (JACQUES, 2018, p. 314) que misturava conceitos modernos corbusianos às ideias do movimento antropofágico para criação de um plano geral para uma nova cidade moderna tropical americana, confrontando a elite pan-americana da arquitetura com seus projetos nacionais monolíticos e mal resolvida mentalidade colonizada (LIRA, 2014).

Sua tese caminhava no sentido exatamente contrário ao dos estudos evolucionistas da época, que partiam do “primitivo”, do “homem nu”, que estaria em um estágio anterior de desenvolvimento, até o homem civilizado, vestido. Flávio propunha o homem nu como o homem do futuro, o homem livre, despido de todos seus preconceitos e excessos funcionalistas, de uma ideia teleológica de progresso tecnicista. (JACQUES, 2021, p. 423)

A opinião “visceralmente antropofágica”, como adjetivado no relatório do congresso, contou com três minutos de prorrogação além do prazo regimental de dez minutos e causou incômodo e revolta em alguns delegados que ouviram o engenheiro-artista discorrer sobre a cidade do homem nu³. O projeto urbano retoma criticamente algumas ideias do arquiteto franco-suíço Le Corbusier⁴, para criação de um manifesto por uma liberdade urbana nas Américas e pela alteridade na cidade tropical do futuro. “A cidade americana não é mais a cidade-fortim da conquista. Ela será a cidade geográfica e climática, a cidade do homem nu, do homem com raciocínio livre e eminentemente antropófago” (CARVALHO, 1930). Enquanto tal, ele exigia um mecanismo urbano totalmente redimensionado: “um gigantesco motor em movimento”, capaz de transformar “a energia das ideias em necessidades para o indivíduo, realizando o desejo coletivo, produzindo felicidade, isto é, a compreensão da vida e do movimento”. Esta “metrópole antropofágica” [...] nasceria na América (não mais como as fortalezas no processo de conquista colonial) [...] (LIRA, 2014).

Uma cidade zoneada e dividida em laboratórios localizados em círculos concêntricos, que investigariam os mais variados desejos (de conhecimento e do erotismo) do homem que seria, então, um homem nu, livre de deus, despido de preconceitos. A cidade do homem nu seria o projeto de uma cidade, “onde [o homem] encontraria sua alma antiga, onde

³ “Há divergências sobre a duração da conferência, Jacques (2021) recupera o livro do biógrafo de Flávio, J. Toledo, que afirma que ela teria durado “trinta longos minutos”. No relatório de Jayme Gama e Abreu, entretanto, ele é categórico ao afirmar que foram treze. O debate da duração pode parecer infrutífero, mas pode indicar como uma figura abertamente iconoclasta como Flávio de Carvalho parece ter se convertido em um ícone, ou mitologia da vanguarda, ao longo do século XX, fruto de narrativas que parecem exagerar alguns contornos de sua trajetória.” (NOVO, 2022, p. 46)

⁴ Mesmo três anos antes do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM, formado majoritariamente por arquitetos europeus) com o tema Cidade Funcional, que ocorreu em um navio entre Marselha e Atenas (1933), quando Le Corbusier defendeu as quatro funções da cidade moderna – circulação, habitação, trabalho, lazer; consideradas como ponto de doutrina nos relatos resultantes - a(s) Carta(s) de Atenas.

projetaria sua energia solta em qualquer direção, sem repressão; onde realizaria seus desejos, descobriria novos desejos”, “sem deus”, “sem tabus escolásticos”, “livre para raciocinar e pensar”, para pesquisar e progredir de modo que utilizasse seu maior rendimento para aumentar a eficiência da vida e da coletividade. Progredir era a condição do homem, a ânsia por “penetrar o desconhecido” (Flávio de Carvalho - [A Cidade do Homem Nu] Uma tese curiosa, projeto publicado no Jornal *Diário da Noite*, São Paulo, 1930).

O “delegado antropófago” Flávio de Carvalho, acompanhado por Oswald no IV CPA, defendia, portanto, a erótica enquanto forma de agir e pensar antropofagicamente na cidade americana, uma produção urbana libertária, desnudada das amarras impostas pelo racionalismo ocidental do regime colonial europeu. No último parágrafo do projeto da cidade do homem nu, Flávio faz um convite aos demais americanos, uma proposta de alteridade radical antropófaga, de “inversão de perspectiva, ou ‘transmutação’”. (LIRA, 2014, apud. JACQUES, 2021, p. 418)

O continente americano, pela sua privilegiada situação histórica, está mais apto que qualquer outro a contemplar o problema do homem nu. O continente americano não herdou do passado o recalque trágico da filosofia escolástica; ele possui elementos próprios para criar uma civilização nua, um novo mecanismo despido dos tabus da velha Europa, uma renovação científica e estética que o colocará na vanguarda da organização humana. Convido os representantes da América a retirarem as suas máscaras de civilizados e pôr à mostra as suas tendências antropófagas, que foram reprimidas pela conquista colonial, mas que hoje seriam o nosso orgulho de homens sinceros, de caminhar sem deus para uma solução lógica do problema da vida da cidade, do problema da eficiência da vida. (CARVALHO, 1930)

O homem livre, “despido dos tabus vencidos, produzirá coisas maravilhosas, (...) o homem primitivo, livre dos tabus ocidentais (...) o homem, como ele aparece na natureza, com todos os seus desejos, toda sua curiosidade intacta e não reprimida”. Ele, a partir deste investimento erótico, projetará a cidade do homem nu, livre, em estado selvagem, desejante: antropofágica. Uma cidade-laboratório-antropofágica-erótica “cuja radicalidade ainda é menosprezada pelos historiadores do campo do urbanismo no país.” (JACQUES, 2021, p. 425)

O homem nu selecionará ele mesmo as suas formas de erótica; nenhuma restrição exigirá dele este ou aquele sacrifício; a sua energia cerebral será suficiente para controlar e selecionar seus desejos. A zona erótica é realmente um imenso laboratório onde se agitam os mais diversos desejos, onde o homem nu pode encontrar a sua alma antiga, pode projetar a sua ânsia livre, a sua energia solta em qualquer sentido, sem repressão; (...) impõe a si mesmo uma seleção rigorosa e eficiente, forma o seu novo “ego”, orienta o seu libido e destrói o ilógico, aproximando-se assim do deus símbolo, sublima angústia do desconhecido, da mutação do não métrico. (CARVALHO, 1930)

Flávio de Carvalho faz, em 1934, uma viagem rumo ao “velho mundo”, uma “arqueologia malcomportada” para buscar o que ele chamou de “*Os ossos do mundo*” (título do livro de viagem publicado em 1936), uma “psicoetnologia” antropofágica dos povos europeus. Desviante do próprio itinerário, Flávio erraticamente (como nos diz Paola Berenstein

Jacques) perdeu a partida de seu navio para Europa que sairia do Rio de Janeiro, mas conseguiu retomá-lo em Recife. Em um hidroavião, percorreu parte do litoral brasileiro, fazendo escalas em diversas cidades, dentre elas Ilhéus e Salvador, na Bahia. Em Salvador, andou pelas ruelas estreitas da cidade “durante horas [...]; a vida se passava há 2 séculos atrás”. Em busca dos primeiros fragmentos dos “resíduos do mundo”, iniciando aqui “uma coleção de ossos”, de restos abandonados, do pensamento em movimento que “se transforma em história”, nos aponta os movimentos de um projeto moderno e utópico de cidade-laboratório entre o internacionalismo da técnica, o inconsciente moderno e americanismo como condição de futuro e possibilidade de construção dessa nova ordem da organização humana:

[Em Salvador], a civilização surge como um fantasma estranho; os habitantes da cidade paralisados entre as frestas dos cubos cultivam o temor das coisas estranhas, das coisas que podem perturbar o sono secular, romper o fio de uma aranha ou o zumbido de uma mosca. A fresta é tão cômoda e tão compatível com a falta de aventura e com a imobilidade; tem o aconchego do útero, mexer na fresta seria o mesmo que sair do útero e exercer um grande esforço aventureiro, um esforço meloso, entrar em contato com o mundo da luz, o mundo do perigo e da novidade. [...] Os objetos estranhos, os objetos da claridade surgem do não sei donde; é o modo da civilização. Como prismas transparentes sem fim penetram e rasgam as frestas, ninguém sabe donde surgiram, como surgiram, nem pra onde vão, o negro em movimento interrompe o seu gesto e imóvel semiagachado contempla o prisma misterioso... a sua atitude perpetua-se e o seu pensamento se transforma em história. (CARVALHO, 2014 [1936], p. 29)

Ocupado desde 1760 pela Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios da Barroquinha, frente político-religiosa de associação de africanos de diversos grupos étnicos, organizado por nobres do Reino de Ketu e Malês e que possuía grande capacidade de mobilização, força cívica e política (SILVEIRA, 2006, p. 276), o terreno da Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha e seus arredores foram um importante território do reino de Ketu e outros reinos nagô-iorubás que chegavam em Salvador neste período e o local onde foi fundamentado o primeiro terreiro de Candomblé de Salvador, o Candomblé da Barroquinha – Ìyá Omi Àse Àirá Intilê. Iyá Adetá, sacerdotisa da linhagem Arô que chegou na condição de escravizada no Brasil por volta de 1789, foi a primeira Iyálorixá da Barroquinha e plantou os fundamentos do candomblé de Xangô, uma casa de Àirá, entre 1807 e 1812, no terreno arrendado pela irmandade negra dos Martírios, nos fundos da Igreja, no interior de uma árvore oca⁵ (SILVEIRA, 2006, p. 384).

“As relações escravistas na cidade se caracterizavam pelo sistema de ‘ganho’. O escravo ganhador era obrigado a dar ao senhor, a cada dia ou semana, uma quantia previamente acertada [...] O sistema de ganho gerou os cantos, que eram grupos de trabalho formados por ganhadores escravos e libertos do mesmo grupo étnico e que se reuniam em locais específicos da cidade à espera dos fregueses” (REIS, 1986, p. 351-359). A Barroquinha

⁵ Aqui podemos fazer uma relação com a Mitologia ameríndia amplamente estudada e sistematizada por Lévi-Strauss como, por exemplo, nas “grande” *Mitológicas* (tetralogia *Mythologiques*), que inclui a narrativa do herói nu, preso no topo de uma árvore ou penhasco, coberto por uma longa cabeleira, o mito sobre “O homem nu” (*L’homme nu*, de 1971), sobre os detalhes estruturais dos mitos ameríndios - do alimento em estado cru ao homem desprovido de vestimenta - demonstrando, assim, que “a terra do mito é redonda” e, além disso, “oca”.

e a Baixa dos Sapateiros foram alguns desses cantos, territórios estratégicos nas proximidades de fontes e chafarizes, concentrando aguadeiros e lavadeiras, por exemplo, e também nos arredores de largos e irmandades, espalhados pela cidade, onde “escravos de ganho” habitavam e se reuniam para prestar serviços de cargas, trabalhando como estivadores, pedreiros, carpinteiros, remadores, artesãos, artífices, marceneiros e outras atividades (REIS, 1986), sendo, dessa forma, responsáveis pelo funcionamento da cidade.

Em 1835, durante a Revolta dos Malês, a Barroquinha foi caminho do levante de dos Malês, muçulmanos escravizados de origem Hauçá e Nagô, que pretendiam libertar outras pessoas escravizadas de origem islâmica dos engenhos e tomar o poder, exterminar a religião católica e implantar uma república islâmica, mas que foram esmagados pelas forças do império (REIS 1986, p. 87-103). A marcha errática que os Malês fizeram pelas ruas do centro de Salvador mobilizou a cidade inteira através de táticas e estratégias em torno do levante, que envolveu de 400 a 600 pessoas, escravizadas e libertas, de várias etnias e orientações religiosas, armadas com espadas e facões. Após a revolta, a situação da população negra da cidade ficou bem opressiva, obrigando-a a mascarar suas origens, crenças e ritos e a se reorganizar política e territorialmente.

Na medida em que havia um intercâmbio entre os mercadores e africanos chefes, mercadores também, na relação escravo-escravo também acontecia um intercâmbio. Essa troca era no nível do soul, da alma do homem escravo. Ele troca com o outro a experiência do sofrer, a experiência da perda da imagem, a experiência do exílio. [...]

O quilombo surge do fato histórico que é a fuga, o ato primeiro de um homem que não reconhece que é propriedade do outro. Daí a importância da migração, a importância da busca pelo território (ORÍ – Beatriz Nascimento 1989).

A formação histórica dos quilombos em Salvador e no Brasil, portanto, está relacionada com as condições, dentre os africanos escravizados, da Diáspora Africana, ou seja, da “transposição de corpos negros e instituições culturais e políticas de povos africanos, a partir das experiências dentro dos navios negreiros, de afastamento compulsório de suas origens, alteração forçada de hábitos, crenças e identidades, trabalho forçado e tratamento hostil enquanto mercadorias. Relaciona-se, também, com “as diferentes formas de resistências e coexistências de um povo” (ORÍ – Beatriz Nascimento 1989). Pensar em quilombos, segundo a historiadora, roteirista, poeta, intelectual e militante do movimento negro Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) é considerá-los além de um espaço delimitado, além de uma simples forma de reconstituição da cultura africana, “deve-se levar em conta de que eles, os quilombos, representavam a resistência do negro escravo frente a uma sociedade injusta, opressora e desigual”.

Na história da cidade de Salvador, os anos de 1890 a 1940 correspondem a uma fase de modernização ligada aos investimentos estrangeiros e do comércio interno⁶. Na intenção

⁶ Os processos de modernização (chamados de embelezamento antes e, mais recentemente, de revitalização ou, ainda, de outros “re”s) sucederam-se em Salvador nos últimos séculos. Uma grande intervenção, que também pretendia, como as anteriores (e outras posteriores), apagar os rastros da antiga cidade colonial escravista e construir uma nova imagem de cidade moderna ou “civilizada”, começou no início do século XX com a grande reforma urbana promovida por J. J. Seabra entre 1912 e 1926 – seguindo uma mesma tendência modernizadora-higienista-segregatória, dita civilizatória, da reforma do Barão Haussmann em Paris, e que havia sido seguida no país por Pereira Passos no Rio de Janeiro.

de criar uma outra imagem de cidade, moderna e ligada aos novos avanços da tecnologia, esta etapa foi marcada por expansões territoriais e modernizações urbanísticas, através do comércio local e por investimentos externos. A criação do termo Urbanismo, no fim do século XIX em Barcelona, a partir de Cerdà, e sua determinação enquanto uma nova disciplina científica de organização espacial das cidades, baseada em três códigos de escrita/representação: o texto escrito, o desenho topográfico e a estatística. Os campos profissional e acadêmico da arquitetura, a partir de então, iniciam uma fase de estudos e planos reguladores, que surgem com o intuito de controlar o crescimento desordenado e orgânico das cidades ao redor do mundo.

A cidade será a imagem matemática do homem livre (...) As necessidades do homem serão concêntricas por ser a disposição concêntrica mais igualmente acessível a todos. (...) A cidade do homem nu é dominada pelo centro de pesquisas, é esta a única autoridade constituída; ele seleciona e distribui, de acordo com o critério científico, (...) ele é o deus mutável, o deus em movimento contínuo, o deus símbolo do desejo maravilhoso de penetrar no desconhecido. (...) O centro de ensino e orientação do homem é um anel anexo ao centro de pesquisas. O centro de gestação, máquina imensa onde a vida [é] estudada. (...) Devido às magníficas condições higiênicas das cidades, o centro hospitalar é pequeno e faz parte do centro de pesquisas. A erótica ocupa na vida do homem nu uma posição de destaque. (...) A religião tem o seu lugar adequadamente localizado na zona erótica; sendo ela uma forma de erotismo; como ficou esclarecido pelo mecanismo de Freud. O centro de alimentação está também situado na zona erótica. A administração se encontra no núcleo central da cidade, assim como a locomoção que é toda subterrânea e se irradia desse núcleo. A habitação está localizada num grande anel central próximo à administração. (CARVALHO, 1930)

Precisamente em 1851 a chegada do “progresso” foi espetacularmente anunciada à Bahia com a urbanização da Barroquinha, a terraplanagem de toda a área, o traçado de novas ruas e a pavimentação da Baixa dos Sapateiros. Os afrobaianos, ocupantes do bairro durante pelo menos 80 anos, encarados como uma nódoa na paisagem, foram sumariamente expulsos. Árvores sagradas e santuários devem ter sido abatidos e os subterrâneos secretos aterrados neste momento. Conta-se que o terreiro [da Barroquinha] passou por vários lugares até se instalar no Engenho Velho da Federação. (SILVEIRA, 2000, apud. RÊGO, 2006, p. 38)

Desde o século XIX, movimentos de ocupação do Centro Antigo⁷ aconteciam simultaneamente a estes processos de urbanização e modernização da cidade: os casarões

Vários projetos ditos de “revitalização”, em várias etapas distintas, dentro de um claro processo de patrimonialização, também se sucederam (e continuam sendo propostos de forma recorrente por diferentes gestores) no Centro Histórico da cidade, em particular desde seu tombamento como patrimônio nacional pelo IPHAN, em 1984, e seu reconhecimento como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1985, a partir de quando aceleraram as especulações pela suposta “vocalização turística” da área. Além da região do Pelourinho, parte do conjunto edificado do bairro do Comércio é tombado pelo IPHAN. Em 2008, como resposta às investidas legislativas, por parte da Prefeitura Municipal de Salvador, que visavam o aumento do gabarito das edificações na região, iniciou-se o processo de tombamento de todo o conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do bairro, aprovado pelo IPHAN no ano seguinte. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2009)

⁷ A ocupação da região, que hoje conhecemos como Centro Antigo, concentrou grande parte do comércio da cidade, além de bancos, papelarias etc. até o período da mudança do centro financeiro da cidade, nas décadas de 1960 e 1970,

coloniais que foram o sonho de outra época, foram, a partir desses movimentos, transformados por uma população de baixa renda, em uma maioria negra ou sertaneja, que ocupou as velhas edificações, fazendo crescer a demanda por novas áreas residenciais, forçando o crescimento de uma “periferia urbana” à margem das delimitações de áreas do Centro Antigo, áreas de encosta, fundos de vale não drenados e outras ainda não urbanizadas. A população de alta renda, que até o século XIX se concentrou no Pelourinho⁸, passou a se interessar e ocupar outros espaços da cidade. Mais tarde, a partir da criação de novos centros administrativos e econômicos ligados ao rodoviarismo nos anos 1960 e 1970 do século XX, quando aconteceu a transferência do centro político a partir da concentração das repartições do CAB e a construção do Shopping Center Iguatemi em 1975, na região da Av. Paralela – novo vetor de investimentos e expansão urbana. São dois momentos de saída e afastamento do Centro Antigo. Estes acontecimentos modificaram boa parte do comércio que havia se desenvolvido na região da Barroquinha e da Baixa dos Sapateiros desde os escravos de ganho.

O Centro Antigo de Salvador, desde o século XIX, passava por modificações em sua estrutura espacial em função da reestruturação dos modos de pensar a gestão da cidade de Salvador. O EPUCS (Escritório do Plano de Urbanismo de Salvador), criado em 1942, inicia, junto à Prefeitura, uma série de projetos urbanos com vistas à expansão e a modernização da cidade, muito influenciados pelas discussões do CIAM IV e das Cartas de Atenas (Marseille, França – 1933) e seus conceitos de Cidade Funcional, um contexto de intensificação e ampliação do fluxo de automóveis na cidade e, com ele, a expansão de um urbanismo focado no “rodoviarismo”. Em prol do “desenvolvimento” urbano e regional, esse processo é caracterizado pela emergência de novos núcleos urbanos no entorno dos polos industriais, fixados nos limites da cidade e em cidades circunvizinhas, ao mesmo tempo em que se investia, também, na promoção e defesa da valorização de um Centro Histórico ligado ao turismo.

Do processo de migração e ampliação populacional do Centro, um intercâmbio cultural, do Recôncavo ao baixo Sul da Bahia, passou a acontecer na região da Barroquinha e da Baixa dos Sapateiros. O canto da Barroquinha usado pelos “escravos de ganho” num momento anterior, passa, então, a ser usado pelos sertanejos para exposição de seus serviços e mercadorias na cidade. “*Da cultura do Nordeste, do cangaço, do vaqueiro; de Lampião e Virgulino; das sobras, porque o couro é o que sobra, né cara?*” (ALAN Interlocação Oficina 02 - *Permanência e Interlocação*, Ateliê 5, FAUFBA, 2018), a Feira do Couro foi instalada na então Ladeira da Barroquinha a partir de boxes improvisados e lonas. O cheiro forte do couro espalhado pela rua caracteriza e afirma a presença do sertão na cidade grande e demarca a ocupação dos artesãos e comerciantes que estabelece uma

associada a construção de avenidas que ligavam as novas áreas e a criação do novo Centro Administrativo da Bahia (CAB), resultando na alteração das atividades administrativas e econômicas desta região. A partir da realização de obras de infraestrutura urbana de grande impacto, a construção do Centro Administrativo da Bahia, em 1973, justificou-se, portanto, o Projeto de Recuperação do Pelourinho, executado pelo Governo do Estado em 1975, que se propunha a restaurar o conjunto arquitetônico e possibilitar sua reintegração no desenvolvimento do estado da Bahia, sendo a primeira de uma série de etapas vindouras de recuperação/revitalização da área.

⁸ O Pelourinho, antiga coluna de pedra ou madeira localizada geralmente nos centros das praças das cidades coloniais, historicamente se constituiu como um dispositivo público para açoites e castigos de negros escravizados. Mesmo a coluna inexistindo materialmente nos dias de hoje, a palavra nomeia uma importante área para cidade que integra o Centro antigo de Salvador e é o maior “cartão postal” criado pelas políticas públicas de incentivo à cultura e turismo. Nesse espaço reside, porém, a memória de um passado de repressão e violência ao corpo negro que teima em ser apagado das narrativas espetaculares do turismo.

complexa rede entre Salvador e outras cidades do interior como Feira de Santana, Ipirá ou Jequié, por exemplo.

O tombamento do Centro Histórico de Salvador em 1984, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e seu posterior reconhecimento em 1985 como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), podem ser situados como pontos de inflexão de um longo e denso processo de patrimonialização da cidade e evidenciam o particular interesse dos poderes públicos por este contexto urbano em função de seu valor “cultural” (SANTOS, 2016, p. 62). Este processo remonta à década de 1930, contexto da institucionalização, em 1937, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, e a instauração do Estado Novo com a subida de Getúlio Vargas ao poder, marcos tidos como inaugurais desse momento e ápice desse processo em que a cultura é entendida enquanto um campo de agregação de “intelectuais” e “artistas” nas estruturas do regime, especialmente por meio de cargos no serviço público (SANTOS, 2016, p. 62). Vinculado a uma política de massa, Vargas deu especial atenção à formação de um aparelho estatal voltado para a “cultura” a partir da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), de investimento em propaganda, radiodifusão, cinema, turismo, imprensa e serviços militares.

Por meio do SPHAN, peça-chave na articulação política varguista, inicia-se uma ampla e ostensiva política de tombamento que privilegia marcos edificadas e fragmentos urbanos em função da produção e disseminação social de uma história nacional, ou seja, àquela eleita e chancelada pelo Estado e centrada na escolha e valorização de grande feitos e heróis (SANTOS, 2016, p. 63). Em virtude do grande valor dado aos monumentos e conjuntos urbanos na construção desse grande enredo, essa política patrimonial passou a ser identificada como de “pedra e cal”. No caso de Salvador, dada a sua relevância histórica no processo de formação do país, a cidade, desde os primeiros anos de institucionalização do SPHAN, tornou-se objeto privilegiado das ações de tombamentos, tanto no que se refere a edificações isoladas como de conjuntos arquitetônicos e paisagísticos, como a Igreja da Barroquinha e seu entorno em 1941 e os processos que envolvem o Solar Berquó, datados entre 1938 e 1980, ano em que o IPHAN o ocupa como sede.

No projeto de ocupação do casarão do Solar Berquó, intitulado “Proposição do entorno de proteção da Igreja N. S. da Barroquinha e ‘Casa Berquó’”, de 1980, o IPHAN já apresentava ideias para modificação da região da Barroquinha e suas práticas. No documento, o IPHAN indica a “realocação dos camelôs de forma a liberar os ângulos de visibilidade da Igreja de N. S. da Barroquinha, transferindo os excedentes para a área livre lateral à igreja, bem como na área livre próxima ao terminal rodoviário”. Fala também sobre o Cine Glauber Rocha, pautando que “a área livre lateral ao cinema deve ser agenciada como jardim e mirante de observação da Igreja da Barroquinha, preservando sua visibilidade e ambiência”. Nesse trecho, o Instituto fala um pouco sobre a história do lugar, citando que o lugar havia sido “construído no século passado”, mas não cita quem ou como o construíram. A partir da omissão, ou melhor, da negação desses fatos, nesta linha de raciocínio relativa às políticas públicas, é possível refletir sobre as desigualdades sociais presentes entre os grupos negros e grupos não-negros, naturalizadas por um racismo institucional que afirma e reafirma as práticas de desigualdades pelo confinamento dos povos negros em posições inferiores da hierarquia social (ORÍ – Beatriz Nascimento 1989). O racismo se perpetua através do fenômeno da segregação residencial, mas também pela negligência de acesso às políticas públicas, ao território urbano e à construção da história.

Ocupado predominantemente por pessoas de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social, as ruas do Centro Antigo passaram a ser sistematicamente estigmatizadas como lugares de marginalidade e prostituição; ao mesmo tempo que lado a lado com a identificação e promoção do espaço como de grande valor econômico em virtude de seu potencial turístico. Múltiplas camadas de planos de cidade para o Centro foram propostas ao longo desse tempo. Lina Bo Bardi, na segunda gestão do prefeito Mário Kertész (1986-1989), idealizou um “Plano de Requalificação do Centro Histórico”, em uma extensão que ia da Casa do Benin, no Pelourinho, até a Igreja da Barroquinha e entorno. As intervenções da década de 1990 são emblemáticas do retorno ao poder do estado de ACM e seu grupo político. Historicamente associado ao regime militar, esse segmento político foi o mesmo que, a partir da década de 1960, esforçou-se de forma ostensiva na promoção da “cultura” de Salvador em função da economia do turismo (SANTOS, 2016, p.74).

Em 1991, a Fundação Gregório de Mattos (FGM), criada em 1986, desenvolveu o projeto do Espaço Cultural da Barroquinha, como proposta de transformar as ruínas da Igreja em espaço cultural. O cinema, antigo Kursaal Baiano de 1919, transformado em Cine Glauber Rocha em 1981, fecha suas portas em 1990, quando a cidade passava pelas intervenções iniciais de ACM com parceria da Petrobrás e reabre em 2008 já sob direção do Itaú Unibanco. Com a gestão da Fundação Gregório de Mattos, órgão municipal vinculado à Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Cultura (SEDES), esses “equipamentos culturais” são entendidos pela atual gestão, de ACM Neto (2016-2020), em estreita vinculação e associação ao valor econômico, orientação esta observada pela ênfase dada aos enunciados “desenvolvimento” e “turismo”, como observado na forma de estruturação administrativa e seus rebatimentos no Planejamento Estratégico de Salvador 2013 – 2016 (SANTOS, 2016, p.129).

O “Complexo Cultural da Barroquinha” – o Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, Teatro Gregório de Matos e Espaço Cultural da Barroquinha – passa a integrar, portanto, “um verdadeiro corredor cultural em uma das áreas mais históricas da capital baiana” (Prefeitura de Salvador apud. SANTOS, 2016, p.120). Nesse instrumento de gestão, o potencial “cultural” da área encontra-se expresso na área temática Turismo e Cultura, na qual estão previstas “obras de requalificação” dos espaços do “complexo”. As barracas da Feira do Couro foram removidas no primeiro ato. A desarticulação dos trabalhadores sertanejos na região é mais uma tentativa de substituição e apagamento da cultura negra e popular na região da Barroquinha e do Centro Antigo em geral, e “como uma diáspora, ao longo de nossa jornada notamos um refluxo, mas também um novo fluxo de comercialização de couro no contexto da Barroquinha” (SANTOS, 2016).

URBANISMOS

As nossas cidades de hoje são verdadeiros pandemônios e vivem em constante desequilíbrio. O homem de hoje gasta as suas energias inutilmente devido ao organismo doentio da cidade. A cidade cansa o homem, destruindo a sua energia vital. O homem da cidade de hoje não aproveita a sua capacidade de produção, não pode aproveitar, porque o organismo burguês desorganizado tudo faz para aniquilar no homem o gosto pela vida, o entusiasmo de produzir coisas, o desejo de mudar. A cidade do homem nu será a metrópole da oportunidade, um centro de sublimação natural dos desejos do homem, um centro de reanimação de

desejos exaustos; um grande centro de produção de vida orgânica, de seleção e distribuição dessa vida em formas de energia útil ao homem.

[...] A cidade americana não é mais a cidade-fortim da conquista. Ela será a cidade geográfica e climatérica, a cidade do homem nu, do homem com raciocínio livre e eminentemente antropófago. (CARVALHO, 1930)

Na Barroquinha, o movimento cotidiano nos evidencia a diversidade e a complexidade do lugar. Território labiríntico e imbricado, atravessado por práticas, ocupações e, sobretudo, de camadas de história e memórias. Próximo onde hoje está o Centro Cultural da Barroquinha (antiga Igreja Nossa Senhora da Barroquinha), foi instalado o primeiro Terreiro de Candomblé da Bahia, o Ilê Axé Airá Intilê, fundado ali pela corte de Ketu ainda no período da escravidão no Brasil.

A memória, já sabemos, tem uma dimensão individual, mas muitos dos seus referentes são sociais, e são eles que permitem que, além da memória individual, que é por definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva. [...] A memória é também uma corrente de pensamento contínuo [...] e ultrapassa os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado [...], e está sempre se transformando (ABREU, 1998, p. 84).

A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Esses materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (Le Goff, 2013 [1977], p. 485).

A memória, individual ou coletiva, pode contribuir, portanto, para recuperação das memórias das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram (SANTOS, 1986. apud. ABREU, 1998, p. 83). O áudio que captamos em 2018⁹ no Aquidabã, onde um homem negro narra, em um bar, uma experiência de racismo vivida entre a polícia militar e ele, ao mesmo tempo que, na TV,

⁹ – Rapaz vou te contar uma coisa, eu tava no teatro – trabalho no teatro... ali defronte da igreja batista, tava eu, o mototáxi – de minha cor, tipo nós assim – e tinha dois brancos, assim, encostados e eu assim.. o policial, naquelas motos, ele foi e quando viu a gente, ele voltou.. ele voltou.. o policial preto, igual a nós. Ele voltou e escalou com a arma em cima de nós dois, me pegou aqui assim e aí eu falei assim: rapaz, é assim que seu superior fala pra você fazer uma abordagem?! Tá vendo algum suspeito? Então fale! E ele entortando com perversidade mesmo.. Aí eu disse: Tá falando com algum vagabundo aqui? E se fosse vagabundo não era para você fazer desse jeito! Eu não sou vagabundo, eu trabalho aí no teatro. E ele disse: e porquê você não falou? Respondi “E você deu tempo da gente falar alguma coisa?”. Aí o moto-táxi tava lá de junto e ele perguntou: “de quem é essa moto?”; o moto-táxi falou “é sua! É sua!.. Aí os policiais falaram “vum bora, vum bora, tá certo”. Com os dois brancos lá, foi de boa.. Aí eu cheguei “faça o favor, por que você não abordou eles aí também, igual a mim? [áudio. interlocução Aquidabã]

uma repórter apresentava um notícia¹⁰ da ação policial na região da Barroquinha, associado às memórias sobre as matriarcas iorubanas Iyá Detá, Iyá Kalá, e Iyá Nassô que construíram o primeiro Candomblé da cidade, nos evidencia a potência e a complexidade que as memórias individuais e coletivas, quando colocadas em questão, por exemplo, com a construção e dominação histórica da região pelo IPHAN ou pelo Fera Palace Hotel, um dos 123 empreendimentos do empresário mineiro Antonio Mazzafera para o Centro Antigo da cidade em 2012.

Não é injustiça ser feliz e a tarde cai. Os ventos varrem o recôncavo chispano água e mar. O céu cinzado é uma nuvem só e a lâmina espetaculosa da cidade se aconchega numa palidez indiferente. Eis que um sol antigeográfico tropicaliza a boca-da-noite, bate na chapa da cidade. S. Salvador se torce toda, gozando a luz que é dela, com muita mansidão. [...] Ninguém jamais não conseguirá esses rosas dourados, esses azuis de Virgem Maria, esses amarelos de areia esturricada e os verdes dos mangueirais. Cor dos anos, cor dos séculos montados uns sobre os outros... (ANDRADE, 1976, p. 214)

A cidade do homem nu, proposta por Flávio de Carvalho durante o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos (Rio de Janeiro, 1930), seria composta por anéis concêntricos organizados por funções modernas – Le Corbusier figurava junto à Nietzsche e ao grupo antropofágico paulista (Raul Bopp, Oswaldo Costa, Clóvis Gusmão e Oswald de Andrade) como referências na elaboração do projeto. Dada a centralidade da atividade da pesquisa e como princípio para se alcançar e manter a liberdade do homem americano, o anel mais exterior seria o centro de pesquisa, que incluiria um hospital e, em anexo, centros de ensino e orientação. O núcleo central da cidade seria dedicado a administração e a locomoção, e entre ele e o centro de pesquisa estariam dispostos as habitações e os equipamentos dedicados à erótica, atividade fundamental ao homem nu, pensada a partir da disposição de laboratórios e que incluiria em seu âmbito atividades como a alimentação e a religião – entendida a partir de Freud como uma forma de erotismo, distante dos cânones cristãos –, bem como núcleos industriais e produtivos anexos.

A tensão entre nacionalismo e internacionalismo é uma constante nesses dois textos-projetos-manifestos de Flávio de Carvalho. Ao caracterizar a casa do século XX, ele apostava no caráter internacional possibilitado pela cidade antropofágica do homem nu americano e seu modo de perceber a vida: "o mundo será todo ele a casa do homem". Essa possibilidade de tomar o mundo como casa do homem moderno seria alcançada não por meio da política, mas pela técnica, que possibilitaria a construção de um mundo da eficiência e da máquina. O aspecto tecnocrático do projeto da cidade do homem nu, nem sempre trazido à tona nos debates sobre Flávio de Carvalho, se mostra tão importante quanto sua dimensão utópica. Entendida como universal, ela seria o fator de internacionalização do projeto e garantiria a conformação de uma nova sociedade equitativa e despida de tabus. (NOVO, 2022, p. 49)

¹⁰ “É necessário que a gente quebre o mito da democracia racial... existe racismo e é necessário que haja uma preparação específica, uma formação dos funcionários de segurança pública...” [reportagem: tv bahia/ algum bar no Aquidabã]

Salvador, como nos aponta Flávio de Carvalho em sua passagem pela terra do “Ogum devorador” em 1934, é uma cidade-laboratório-antropofágica-erótica a partir de suas práticas cotidianas, gíngas e gestos urbanos; dos corpos na cidade, dos choques entre eles, que fazem emergir temporalidades e espacialidades outras, criando novos tabus, movimentos que contestam as simplificações e reduções das operações historiográficas, ligadas ao patrimônio, nos processos urbanos. Práticas menores, marginais, perfuram a linearidade de suas narrativas e nos evidenciam disputas e conflitos ao longo da história do Centro Antigo, subvertendo, assim, os atuais processos de espetacularização e gentrificação, diretamente relacionados aos processos de patrimonialização e institucionalização, que buscam homogeneizar, simplificar e higienizar a cidade e evitar o choque entre essas práticas que coexistem – sobretudo nas áreas opacas, ou apagadas – e que nos evidenciam as complexidades reais da cidade.

O pensamento selvagem, como vimos, seria, ademais, não uma característica específica dos povos ameríndios, mas, uma filosofia selvagem, uma forma de pensar não colonizada ou domesticada, “um estado de pensamento indócil, errante, nômade, coletivo e anônimo, um modo de fazer ciência e produzir conhecimento de forma intuitiva e sensível muito mais além do racionalismo cartesiano purista” (ALMEIDA JR., 2022, s/p). “Poderíamos ampliar a compreensão do “mau selvagem” para além dos povos originários e incluir também aqueles que passaram a chegar da África, já na condição de escravos, sobretudo aqueles que conseguiram fugir, formando quilombos”. (JACQUES, 2021, p. 379) O Centro Antigo enquanto território negro, que estaria “fora do lugar”, desestabiliza a lógica uniformizadora dos planos de cidade propostos para o Centro e parece vibrar em muitas direções, emanando vida diante da sua iminente morte através das narrativas dos planos e gestores. São práticas e permanências, ou melhor, resistências frente aos processos de dominação dos espaços urbanos e pacificação da cidade desde sua fundação enquanto tal. Uma sobreposição de usos, apropriações e experiências que estão em choque cotidiano com os projetos de cidade que tentam, a todo custo, substituir e apagar seus tempos e suas experiências.

O baiano, dentro das frestas da sua cidade, experimenta as doçuras da escuridão intrauterina e cultiva pelo tato o gosto da poeira das sombras. A sua fobia, aprendizagem essencialmente colonial, rejeita os fantasmas da civilização como elementos perigosos a essa forma de estabilidade, e capazes de precipitar catástrofe. Os sinos das 300 igrejas [de Salvador] estalam no tímpano do homem adormecido, o ruído do mundo seria perturbar o delicioso suicídio furando a volúpia. Não se esqueça de que o ritmo do sino mantém em conserva a sonolência e isola o herói uterino do mundo do perigo... [...] (CARVALHO, 2014 [1936], p. 29)

A formação dos Quilombos em Salvador e no Brasil, como nos diz a historiadora sergipana Beatriz Nascimento (UFRJ), representa, acima de tudo, “uma forma consolidada de união, de organização e valorização de uma minoria racial desprovida, fora do quilombo, de liberdade de expressão e direito à vida na cidade” (1989). E fala sobre uma erótica desses territórios negros: “o quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição”. (NASCIMENTO, 2022, s/p) Ao longo destes últimos anos de formação, entre 2014 e 2022, percebemos que os movimentos cotidianos nos evidenciam

a diversidade e a complexidade do lugar, um território labiríntico e imbricado, atravessado por práticas, ocupações, e, sobretudo, de camadas de histórias e memórias.

Percebemos uma materialidade palpável: as construções de pedra, os aterros, as ruas alinhadas, as construções que são o contraespaço do movimento – as pedras que são o fundo do cenário para os gestos dos atores, mas também participantes da coreografia; gestos petrificados, gestos tornados pedra, pela ação daqueles que a ergueram, no acúmulo dos tempos históricos. Há, sobretudo, a materialidade dos corpos que, pela trama dos seus gestos-fio, percorrem e habitam essa materialidade, criam campos no espaço. Esses campos são constituídos pela disposição diária dos fluxos e usos coletivos: da feira que ocupa as ruas de maior tráfego, dos ambulantes que sobem e descem os elevados (onde esses gestos são limitados: não se pode levar animais, bicicleta ou botijão de gás). O gesto de ocupar modifica a cidade sem necessariamente mover suas pedras, sem reformá-las: campos de atuação que se montam e desfazem diariamente, como as feiras ou os ambulantes, como o movimento das marés. Corpos e gestos que chegam logo pela manhã de outras partes da cidade, descidos no elevado, ou gestos arcaicos de oferta e de troca, que atraem a população de outras partes da cidade que, no entanto, gravita para o Comércio, atraída pela aglomeração e reunião de possibilidades. (JACQUES. et. al., 2017, p. 324)

Na região do Centro Antigo de Salvador, sobretudo na Barroquinha, Baixa dos Sapateiros e Saúde (mas também seguindo pelo Pelourinho, Santo Antônio, Pilar, Taboão e Comércio), “a Revolta dos Malês não foi simplesmente destruída como uma etapa vencida na linearidade do progresso colonial: ela foi controlada, contida, apagada ali, mas sobreviveu, resistiu, reacendeu em outro lugar, em outro tempo.” (Idem) As ocupações, habitações, adaptações, permanências e os usos/práticas instauram nessas regiões um outro tempo que sobrevive no tempo presente e desestabiliza a paradoxal compreensão de que o tempo ali está paralisado, congelado em um momento único, ou a ideia de “decadência” e arruinamento que está na justificativa dos processos de modificação em curso no Centro Antigo.

Luísa Mahin, nascida em Costa Mina, na África, no início do século XIX, trazida para o Brasil na condição de escravizada, retoma outro lugar e outra época do Centro Antigo, nos lembrando que uma cidade não pacificada do passado, pode irromper e se fazer também presente. Pertencente ao povo Mahi, da nação africana Nagô, esteve envolvida na luta da Revolta dos Malês, em 1835, e teria sido coroada Rainha do Brasil caso o levante tivesse sido vitorioso. Caminhando pela região da Baixa dos Sapateiros, Mahin agenciou o ajuntamento de mais de seiscentos negros e negras escravizados, através de seu ofício de quituteira, que lhe permitiu permeabilidade para comunicação e articulação entre os revolucionários, ocupando espaços então proibidos.

O gesto radical e revolucionário de Luísa Mahin e dos escravizados Malês ainda resiste e sobrevive “entre as frestas dos cubos” do centro, e desenha uma outra cidade - uma cidade decolonial, desnudada - pelas frestas da cidade colonial. Sobrevive em gestos, usos e práticas que contestam e abalam as simplificações e reduções das operações historiográficas e patrimoniais sobre os processos de urbanização da cidade, e “fazem perfurar a linearidade ou simplificação de suas narrativas, extravasando uma multiplicidade de reminiscências que nos atestam à recorrência do diversos embates e disputas ao longo da história. [...] Gestos que subvertem os atuais processos de

patrimonialização, diretamente ligados aos processos de espetacularização e gentrificação, que mais uma vez, como em quase todas as reformas modernizadoras anteriores, buscam homogeneizar os tempos distintos, evitar choques dessas diferenças temporais ainda tão presentes em algumas de nossas cidades ditas “históricas”, como na nossa primeira capital do país.” (JACQUES. et. al., 2017, p. 335)

Muitas são as quituteiras, baianas de acarajé, vendedoras ambulantes ou atendentes de lojas, donas de casa, donas de lojas, ciganas, mães de santo, passantes, transeuntes, moradoras de rua ou catadoras, recicladoras presentes pelas ruas, becos, frestas. As mulheres, sobretudo mulheres pretas, estão em todos os lugares, em todos os movimentos e articulações do Centro Antigo, os gestos e práticas matriarcais nos atravessam e nos convocam a pensar os fardos do patriarcado colonialista e a romper qualquer lógica dominante e repressora. Dona Vera, nascida e criada na Baixa dos Sapateiros, ocupa a Praça dos Veteranos na Av. J. J. Seabra com seus quitutes. Nos alerta dos perigos de hoje no entorno da Fonte do Gravatá, mas relembra sua infância nos antiquários da Ladeira da Independência. (VERA Interlocução Oficina 02 - *Permanência e Interlocução*, Ateliê 5, FAUFBA, 2018) Dona Vera e todas essas outras mulheres que cruzam as ruas do Centro, nos lembram Luísa Mahin e as matriarcas iorubanas fundadoras do Ilê Axé Airá Intilé, primeiro Candomblé da Bahia, na Barroquinha, e todas os gestos urbanos (da vendedora ambulante ou da quituteira na praça, à mãe que penteia o cabelo da filha na calçada) cotidianos do Centro Antigo.

Oswald de Andrade, em “Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial” (1950), nos atenta que “a alteridade é no Brasil um dos principais sinais remanescentes da cultura matriarcal.” (ANDRADE, 1950, apud. JACQUES, 2021, p. 410) Flávio de Carvalho, sobre *Uma concepção da cidade de amanhã* (1932), atesta que “o desenvolvimento da agressividade técnica e a aquisição de novas emoções colocam o homem do futuro numa expectativa curiosa, [...] impondo como necessidade de vida a criação de um organismo ético não religioso capaz de assegurar uma forma mais coletiva de entendimento, por exemplo, o abandono da casa como propriedade particular, como unidade perturbadora e destrutiva na luta pela vida. [...] A nova arquitetura se impõe dentro da nova alma, sem dedo do divino mono antropomórfico, sem o passado como enfeite e abandonando mesmo todas as ruínas da decadência patriarcal.” (CARVALHO, 1932)

“A descoberta do Novo Mundo veio trazer à tona ao panorama da cultura europeia um desmentido paradisíaco. O ecumênico cristão caía de um golpe. Do outro lado da terra - que era redonda e não chata e parada, com céu em cima e inferno embaixo - havia gente que escapava por completo ao esquema valetudinário da Idade Média [...]. O branco que se chamou de civilizado, insistiu em padronizar a sua ‘superioridade’”. [...] (ANDRADE, 1970, p. 189-190) “E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do primitivo. Este é o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este uma cultura messiânica.” (Idem, p. 78) “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem e fazê-lo seu escravo.” (Idem, p. 81)

A cidade antropofágica satisfaz o homem nu porque ela suprime os tabus do matrimônio e da propriedade; ela pertence a toda coletividade, ela é um imenso monolito funcionando homogeneamente, um gigantesco motor em movimento transformando a energia das ideias em necessidades para o indivíduo, realizando o desejo coletivo, produzindo felicidade, isto é, a compreensão da vida ou movimento. (CARVALHO, 1930)

Retomando o matriarcado na cidade moderna americana, a partir de sua “tríplice base: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes, ou seja, a ausência de Estado” (ANDRADE, 1970, p. 80), *A cidade do homem nu* propõe “abordar problemas opostos aos trazidos até hoje pelas convicções cristãs da família e da propriedade privada.” (CARVALHO, 1930) para a projeção de uma cidade desnudada, uma “forma de reivindicar também para o pensamento urbanístico a riquíssima herança antropofágica, profundamente impura: moderna, crítica, anticolonial, “em estado selvagem”. (JACQUES, 2021, p. 449) Retomar o Centro Antigo de Salvador enquanto território negro e matriarcal é também retomar *A cidade do homem nu*. O negro brasileiro simboliza o “homem nu”, selvagem, do matriarcado, “sem culpa de origem e sem necessidade alguma de redenção ou castigo”, sua cultura antropofágica, erótica, matriarcal não conhece o matrimônio, porque “poli” - “a promiscuidade originária é um fato” (ANDRADE, 1970, p. 80), seu pensamento em movimento “se transforma em história” (CARVALHO, 1930) e sua erótica - seus gestos, ritos e práticas individuais e coletivas -, em cidade. Os desejos do homem nu na cidade, diante do urbanismo e agenciado em suas práticas de cidade, nos movimenta a reivindicar a própria construção historiográfica das cidades e do urbanismo no Brasil e nas Américas e, sobretudo, para produção de uma outra cidade e de um outro modo de pensar e fazer urbanismos [grafado assim, no plural, como possibilidade prospectiva e propositiva de imaginarmos e instaurarmos outros futuros e também outros urbanismos possíveis] que “devora criticamente seus pressupostos mais colonizados e colonizadores, que incorpora os vários outros que constroem as cidades, muitas vezes com as próprias mãos” (JACQUES, 2021, p. 449).

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série, Vol. XIV. Porto, 1998, pp. 77-97

ALMEIDA JR, Dilton Lopes. **URBANISMOS EM ESTADO SELVAGEM: Por uma descolonização permanente do pensamento**. Resenha do livro: JACQUES, P. B. Pensamentos selvagens: montagem de uma outra herança – v. 2. Salvador: EDUFBA, 2021. NO PRELO, 2022.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Oswald de. **Obras completas IV - Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, teses de concursos e ensaios**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

CARVALHO, Flávio de. **Arte e Ciência de habitar. Sob o influxo da civilização mecanizada de nosso tempo: Le Corbusier, o grande reformador da arquitetura, fala-nos sobre o palpitante assunto**. Diário da Noite. São Paulo. 24 de out. de 1929. Fundo FC/CEDAE.

CARVALHO, Flávio de. [A cidade do homem nu] **Uma tese curiosa**. Diário da Noite. Rio de Janeiro. 01 de jul. de 1930. Fundo FC/CEDAE.

CARVALHO, Flávio de. **Uma concepção da cidade de amanhã**. Diário da Noite. São Paulo. 17 de março de 1932. Fundo FC/CEDAE.

CARVALHO, Flávio de. **Os ossos do mundo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

CARVALHO, Flávio de. **A casa do homem do século XX**. In XAVIER, Alberto (org.). Depoimentos de uma geração - arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Escravidão e Cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX**. Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA), Vol. 3, No 1. 1990. Disponível em: . Acesso em: 09 dez. 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Montagem de uma outra herança: urbanismo, memória e alteridade**. Tese acadêmica (Defesa para Professor Titular). Salvador: FAUFBA, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. **Pensamentos selvagens: montagem de uma outra herança. v.2**. Salvador: EDUFBA, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. et. al. **Temporalidades**. In. BRITTO; JACQUES. (Org.) Corpocidade: gestos urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

LIRA J. **Vanguardas e urbanismo: três planos vencidos de Flavio de Carvalho, Warchavchik e Artigas**. Apresentação no XIII SHCU, Brasília, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. **ÔRÍ**. *Documentário*. 1:33:51. Rio de Janeiro: Angra Filmes - Fundação do Cinema Brasileiro, 1989.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Organização de Alex Ratts. São Paulo: Editora UBU, (NO PRELO) 2022.

NOVO, Leonardo Faggion. **Flávio de Carvalho e o homem americano, nu na cidade**. Anais do V Seminário Urbanismos e Urbanistas no Brasil (2022/online). SUUB: Seminário Urbanismos e Urbanistas no Brasil: Urbanismos e nacionalismos. Fernando Atique; Josiane Francia Cerasoli. (Org.). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. pp. 39-53

RÊGO, Jussara. **Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia**. Geo Textos, vo. 2, n. 2. p. 31 – 85. Salvador, 2006.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SANTOS, Leandro Max Peixoto. **Atolado em Sargaços: Fluxos da “cultura” na Salvador do capital e dos sonhos**. Dissertação de Mestrado. PPG-AU/FAUFBA: Salvador, 2016.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto**. Salvador: Edições Mainanga, 2006.